

Em mármore branco, de Carrara, o Museu de Belas-Artes, de Caracas já instalou em seus jardins, uma peça recente de Sérgio Camargo...

Há mais de 15 anos suas esculturas se desdobram seguindo uma idéia central, um fio de raciocínio, um pensamento poético que surpreende como conjunto e emocionante pela intensidade...

Sérgio voltou de Paris há cinco anos e agora já se instalou definitivamente num sítio em Jacarepaguá, com casa, estúdio e oficina de trabalho projetados por Zanize...

Quando eu fiz o meu primeiro relevo, em 1963, um crítico chegou a me dizer — depois de dez relevos, o assunto estará esgotado...

Nascido no Rio de Janeiro, com 14 anos Sérgio foi estudar na Academia Altamira de Buenos Aires, com Pettoruti e Lúcio Pontana...

Essa formação, esse caráter especulativo de um curso de Filosofia, acho que acabou incorporando ao meu trabalho...

Conheci também Arp, Van Tongerlo e Brancusi. Fui ao ateliê de Brancusi penso que umas 30 vezes...

Em 1950 Sérgio volta ao Brasil, no ano seguinte novamente Paris e em 1964, uma viagem à China Popular...

Seus primeiros trabalhos eram mais abstratos, depois ele começou a fazer peças figurativas, algo que tinha a ver com Henri Laurens...

É verdade, confirma Sérgio Camargo, o meu trabalho nunca foi linear, até 63, quando então ele se amarrava de uma vez...

No início dos anos 60, Sérgio Camargo radicalizou o seu processo de trabalho...

Vendi tudo o que eu tinha, cortei as ligações familiares com o Brasil e segui para a França com minha filha...

Com essas três peças é que Sérgio mereceu o Prêmio Internacional de Escultura, da III Bienal de Paris, em 1963...

A partir desse ano, seu trabalho começou a ser visto na Europa — "Formas et Figées", "La Route et son Contour" (Galerie Legendre)...

Meu ateliê em Paris era pequeno e além de ter de fazer tudo da maneira artesanal, até então não tinha vendido nenhuma escultura...

Quando Sérgio criou o seu primeiro relevo já estava com 33 anos. Desde os 18, trabalhava com problemas de formas, volumes e o espaço...

Se eu tive alguma influência de Paris naquele momento? Não, eu estava num processo de elaboração pessoal, era um processo interno e muito intenso...

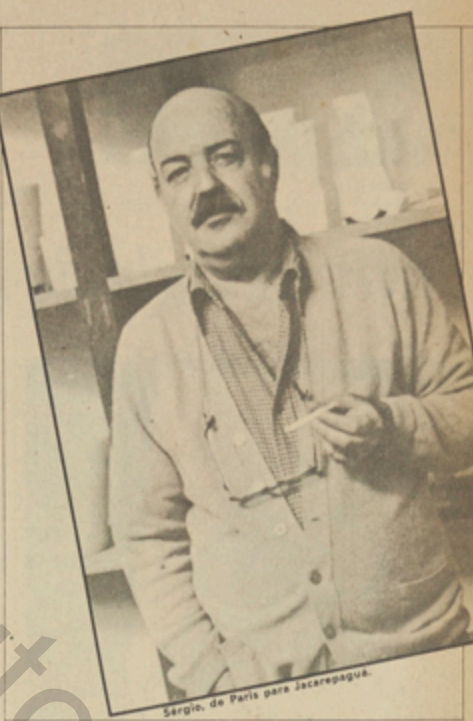
Quando Sérgio criou o seu primeiro relevo já estava com 33 anos. Desde os 18, trabalhava com problemas de formas, volumes e o espaço...

Meu processo de trabalho é uma montagem combinatória. Como se usasse o princípio da variação. E muitos críticos (inclusive Gray Brett, na Inglaterra) já o associaram às transposições musicais...

Quando em Paris fizera a exposição "Nouvelles Tendances" me convidaram a participar e eu não aceitei. Era uma exposição coletiva de um vocabulário plástico...

Acho que o artista trabalha para conhecer uma verdade que ele intui. É esta operação de conhecimento que produz a obra...

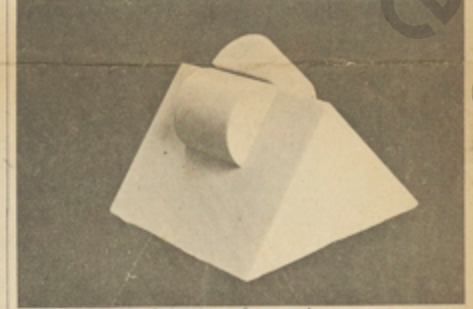
Gray Brett, o crítico de arte do "Times" de Londres, num livro editado pela Signals ainda em 1966, conta um pequeno incidente que



Sérgio, de Paris para Jacarepaguá.



Formas e luz dando vida ao mármore



Quinze anos de pesquisa e o tema não se esgota



Destino: São Paulo.

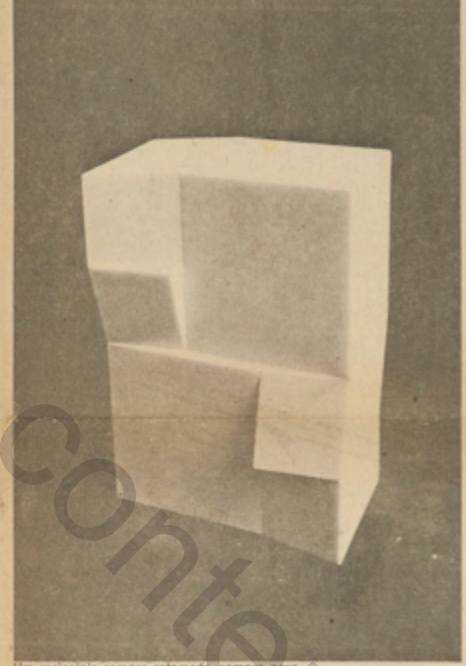
ajudou Sérgio Camargo a configurar os relevos que procurava. Ao descaisar uma maça, Sérgio cortou-a quase pela metade e a seguir voltou a cortar uma pequena fatia...



Em Bordeaux, uma peça de enormes proporções.



A casa-estúdio em Jacarepaguá



Um raciocínio sempre retomado, sempre novo.

SÉRGIO CAMARGO

E seus poéticos raciocínios em madeiras e marmores

Uma amostra da sua obra pode ser vista na Bienal. Seu trabalho, suas idéias, sua importância estão aqui, no texto de Casimiro Xavier de Mendonça.

onde a luz criava dinâmicas de movimento, Sérgio Camargo recebeu em 1963 a medalha de ouro para o melhor escultor brasileiro, na VII Bienal de São Paulo...

impalpável e imaterial, ela é tão real quanto a presença do pássaro.

Um trabalho de formas, luz e movimento.

No seu imenso ateliê de Jacarepaguá, quase um hangar de janelas abertas para muito verde, as pequenas maquetes de mármore revelam uma presença física da monumentalidade.

Esta é uma característica básica do escultor, lembra o crítico Marc Berkovitz, examinando as peças novas. Mesmo esquentando pequenos protótipos, elas revelam harmonias e escalas especiais com uma verdadeira intensidade da escultura.

É verdade, concorda Sérgio Camargo. O problema da monumentalidade nunca foi o tamanho. Veja em São Paulo, o caso do Borba Gato. Ele é imenso, mas na verdade é um bonequinho.

O Brasil é muito pobre em esculturas de Sérgio Camargo e mesmo em espaços públicos ele não está bem representado. Duas peças no Rio, um mural em Brasília, uma escultura na Praça da Sé de São Paulo...

Museus importantes, para a América Latina, como o de Arte Moderna da Cidade do México, dirigido por Fernando Gamboa, ou o Museu de Caracas já realizaram exposições bem montadas, com peças grandes e catálogos bem-feitos.

Pelo menos um pequeno filme foi feito sobre a sua obra e talvez seja lançado ainda durante a Bienal. É um curta-metragem de Eduardo Clark que informa sobre todas as fases do trabalho de Sérgio...

“O Borba Gato é imenso, mas na verdade é um bonequinho.”

Se houve contatos pessoais que influíram no meu trabalho? Foi meu amigo Soto e me aproximou de Milton Dacosta em sua fase concretista...

Aliás, acho bom lembrar que a Pop Art apareceu depois na passagem de Fernand Léger pelos Estados Unidos. Depois é que teve a sua autonomia...

É muito difícil pensar num trio mais importante para os Estados Unidos do que Jackson Pollock, Rothko e Barnett Newman. Todos eles com raízes européias...

O meu trabalho também passou a usar módulos seriados. E eu procurei trabalhar com uma autonomia dentro dessas minhas variações...

Examinadas como um conjunto as obras de Sérgio Camargo revelam um sistema de pensamento que se desenvolveu, se desdobra e retoma os mesmos elementos...

Quase todos os teóricos que escreveram sobre a obra de Sérgio Camargo falam sobre o caráter virtual das suas peças. Isto é, além da presença física dos relevos...

Entre o pássaro e a trajetória do voo, ele fica com o voo.

— Mas, na verdade, acho que o artista precisa é organizar a sua linguagem para decidir o que pretende dizer. Penso que o artista arrojado sabe “fazer” um trabalho e o resultado é só descritivo. O artista

criador deve saber “ver” e o que “dizer”. A madeira pintada de branco e o melhor mármore italiano, das proximidades de Carrara, sempre foram os materiais preferidos de Sérgio para o seu trabalho...

— Uso uma equipe de artesãos que há quatro gerações estão no mesmo ramo. Posso colocar ouro em pó na mão deles ou encomendar que os blocos de mármore talhados na proporção que eu pensar, que sei que o trabalho será perfeito...

— Com os meus elementos, antes de chegar a usá-los, estudo as suas múltiplas combinações. Tive que descartar o que cada elemento poderia representar objetivamente...

— No espaço, o pássaro enquanto voo, descreve uma trajetória. E esse percurso, essa trajetória que me atrai, pois apesar de ser tão